

Tecnologia

SBPC abre a reunião anual com dúvidas e pessimismo

■ Cecília Plese

BRASÍLIA - A 39.ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), aberta neste último final de semana durante solenidade realizada na sala Villa-Lobos do Teatro Nacional, deu início a um novo ciclo de atividades na vida da entidade: aquele, que segundo o reitor da UNB, Cristovan Buarque, deve se caracterizar por uma combinação simultânea do uso dos microscópios com ação política voltada já para a fase pós-Constituinte, e que será marcado também por um trabalho de resistência contra os privilégios da chamada classe dominante, embora, segundo ele, muitos cientistas e tecnólogos dela façam parte.

O grau de politização que deverá pautar os debates programados até o próximo sábado no campus da UNB, já foi definido na cerimônia de abertura do encontro comandada pela presidente da SBPC, Lina Bori. A platéia não poupou vaias aos representantes dos ministros da Ciência e Tecnologia e Minas e Energia, respectivamente Luciano Coutinho e Renato Simplicio, demonstrando seu descontentamento contra a política de contenção de recursos destinados a fomentar o desenvolvimento científico e tecnológico nacional, apesar das promessas em contrário realizadas pelas autoridades do setor desde a ascensão da Nova República.

Objetivo é buscar alternativas de desenvolvimento

Em contrapartida, foram largamente aplaudidos quando chamados a compor a mesa diretora os constituintes Florestan Fernandes e Cristina Tavares, especialmente esta última, que ao sentar-se aproveitou a oportunidade para fazer um apelo por "diretas-já" para a presidência da República. Luciano Coutinho, secretário-geral do MCT, encarou as vaias "com naturalidade por fazerem parte do estado democrático". Ele salientou que os apupos dirigidos ao Ministério da Ciência e Tecnologia não foram estrondosos quanto os canalizados para o de Minas e Energia. "Houve uma certa graduação", disse constrangido, embora fizesse também questão de lembrar que cenas como aquela eram normais em todas as reuniões da SBPC, só não tendo ocorrido há dois anos, em Belo Horizonte, porque a Nova República acabara de assumir o comando da nação, merecendo, portanto, um crédito de confiança por parte dos presentes. De qualquer forma, resignado ou não, ele preferiu não ler o discurso que preparara para saudar os participantes da 39.ª reunião anual da SBPC, por entender que "não era o momento oportuno".

Para Carolina Bori, a SBPC decidiu se reunir em Brasília "para ser ouvida no momento em que se discute uma nova Consti-

tuição para o Brasil". Todas as propostas levadas pela entidade aos constituintes, acrescentou, resumem "nossas preocupações com a questão nacional e mostram que elas não se restringem a defender novas formas de desenvolvimento em ciência e tecnologia, mas visam a busca de novas alternativas de desenvolvimento social". Já o secretário regional da SBPC no DF, João Luiz Homem de Carvalho, depois de traçar o cenário de miséria em que o País vive, com 7 milhões de desempregados, 20 milhões de analfabetos e 6 milhões de crianças abandonadas, agravado "por uma dívida externa monstruosa e um dos maiores arrochos salariais registrados pela história do Brasil", denunciou à política de engavetamento de muitas tecnologias criadas com seriedade científica e que poderiam representar a solução desses problemas. "Por pressões de grandes empresas nacionais e multinacionais, que funcionam muito em países do Terceiro Mundo, cujas sociedades são desorganizadas, projetos bem elaborados nas áreas de irrigação, cultivo de alimentos e habitação são colocados na geladeira", afirmou, "ou então desestimulados, o que coloca em risco nossa independência e soberania". De acordo com José Luiz, a ciência não é neutra, pois a busca da verdade pela verdade não existe. "E nesse sentido", argumentou, "precisamos estabelecer uma estratégia de ação contra a não utilização de tecnologias geradas no País que poderiam reduzir nossa dependência do exterior, obrigando o Estado a fazer investimentos em pesquisa básica".

O reitor da UNB, Cristovan Buarque, lembrou que quando a universidade se candidatou a receber a SBPC em 87, "o País vivia momentos de dúvidas com otimismo". Essa fase foi substituída pela de "momentos de otimismo sem dúvidas" e agora, se caracteriza exclusivamente por "dúvidas cobertas de pessimismo". A SBPC, segundo assinalou, "passou por dois ciclos históricos importantes: o da ciência criadora de utopias e o da resistência ao autoritarismo. Mas agora tem que se dedicar à construção de uma nova civilização brasileira. Essa nova fase, de acordo com o reitor, apresentará dificuldades conceituais e políticas mais difíceis que as anteriores, "quando uma preocupação exclusiva com a ciência ou uma solidariedade geral entre todos os perseguidos, tornava mais simples o trabalho da SBPC em um Brasil que era o paraíso de duas unanimidades - uma a favor e outra contra".

A realidade dos próximos anos será extremamente contraditória e povoada de dúvidas e perplexidades e por isso mesmo será estimulante, afirmou Buarque. No seu entender, o pano de fundo da 39.ª reunião anual da entidade, que tem como tema básico "O futuro do Brasil", é o local mais propício para os cientistas iniciarem seu projeto de fazer uma revolução social no País. "Os 10 mil cientistas que durante uma semana trabalharão em lugar próximo ao do Congresso Nacional têm que começar a pensar além da Constituinte, porque

ela não vai encerrar o capítulo das Constituições brasileiras", declarou. Para Cristovan Buarque, a Constituinte está terminando, mas ainda "não concebemos o retrato que queremos para o futuro do Brasil, porque vivemos um período de crise ideológica, de propostas de crise da imaginação". "Nesse quadro, prosseguiu, surge espaço suficiente para os cientistas saltarem décadas à frente e interpretar os anseios da população, na tentativa de transformar em um único país as duas aberrações de sociedade que caracterizam o Brasil: pobreza acintosa e riqueza extrema."

Quando ocorrer a mudança, a ciência será repensada

Buarque admitiu também que, quando ocorrer a mudança, muitos interesses dos cientistas "serão tocados. Vamos ter que repensar o que é ciência. Vamos ter que reduzir o nível de consumo dos 10% que estão no topo da pirâmide, onde muitos cientistas estão inseridos". Mesmo assim, ele está otimista porque a UNB se colocou no foco central desse processo de transformação. Depois de elogiar "a prova de maturidade poucas vezes vista" que os servidores da UNB deram ao suspender a greve que haviam iniciado, para poder dar suporte aos trabalhos da SBPC por uma semana, o reitor lembrou que 7% das teses a serem apresentadas durante a reunião são de autoria de acadêmicos de sua universidade. "Nós vamos participar do projeto de reconstrução nacional, queira o governo ou não", enfatizou, "e se formos suficientemente competentes para sair do clima de danação em que estamos, as gerações futuras vão nos aplaudir. Para isso, basta casarmos os recursos de que dispomos com nossa capacidade de produção", salientou.

Mais de 4 mil pessoas se inscreveram até agora para participar da reunião anual da SBPC, que se desenvolve em 134 salas do Instituto Central de Ciências, Faculdade de Tecnologia e Faculdade de Estudos Sociais Aplicados na UNB. O restaurante Bandejão do campus está equipado para fornecer 3.600 refeições por dia, além das tradicionalmente oferecidas. Entre simpósios, mesas redondas, conferências, cursos, sessões de comunicação coordenada, de comunicação oral e painéis, serão apresentados aproximadamente 2.700 trabalhos relacionados com as mais diferentes áreas do conhecimento humano, num total de 274 atividades diversas, apoiadas por 60 sociedades científicas do País. A parte da manhã será reservada às atividades específicas de cada área e, a da tarde, às discussões mais gerais. Paralelamente, porém, há uma programação cultural especial, com a realização de concertos, exibição de filmes científicos, apresentação de peças teatrais e visitas ao Centro Nacional de Recursos Genéticos da Embrapa, estação sismológica da UNB e Planetário de Brasília.